

Uma história esquecida

A abordagem da África Antiga nos manuais escolares de História: estudos de caso no Brasil e em Portugal (1990-2005)

Anderson Oliva*

Resumo: O presente artigo possui como objetivo principal analisar a abordagem da história da África Antiga em livros didáticos de história utilizados no ensino brasileiro e português entre 1990 e 2005. Nossa esforço busca sintetizar as reflexões acerca das possíveis conexões existentes entre o estudo da história africana e a desconstrução de estereótipos e simplificações conceituais que circulam sobre a África nos imaginários dessas sociedades.

Palavras-chave: África Antiga, Ensino da História da África, Livros Didáticos.

Abstract: This article has as main objective to examine the approach of Africa's ancient history in textbooks on history used in teaching Brazilian and Portuguese between 1990 and 2005. Our search effort synthesize the discussions about possible connections between the study of African history and the deconstruction of stereotypes and simplifications conceptual circulating on Africa in the imagination of these societies.

Key-words: Ancient Africa, Teaching the History of Africa, Books school.

Considerações iniciais

Nos últimos três anos, por razões profissionais e acadêmicas, dividi meus dias entre duas cidades conectadas pelos caminhos seguidos na construção do chamado Mundo Atlântico: Lisboa e Salvador. Minhas relações pessoais e as observações cotidianas, no entanto, revelaram que as conexões entre esses dois pólos urbanos não se circunscreviam apenas ao campo das vivências do passado. A significativa presença de africanos e seus descendentes, na primeira cidade, e a maciça composição afro-descendente da maioria da população na segunda, não se refletem apenas nos cálculos e apelos estatísticos, mas são sintomas da existência de uma dinâmica rede de tecidos culturais, sociais, econômicos e políticos que compõem as sociedades em questão. A aceitação do Outro ou os atos refletidos e irrefletidos de preconceito ou racismo sinalizam para o estranhamento que conduz as relações entre portugueses brancos e os africanos e afro-lusitanos nas ruas lisboetas¹. Por outro lado, as tensões relacionais que povoam o cotidiano soteropolitano também apontam para uma solução de continuidade difícil de ser construída sobre as sombras do passado excluente e

* Este trabalho recebeu apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

racista.

A partir dos contextos identificados direcionei minhas investigações para uma questão central acerca das possíveis permanências e alterações na forma de olhar a África por parte desses indivíduos, inclusive aqueles que, em Portugal, compõem a segunda e terceira gerações de descendentes dos africanos emigrados das ex-colônias portuguesas após as guerras de independências ocorridas em África (os afro-lusitanos), e, no Brasil, constituem uma parcela essencial da população brasileira (os afro-brasileiros): qual o lugar ocupado pelos estudos africanos nas escolas brasileiras e portuguesas?

A questão se torna ainda mais pertinente quando sabemos que os ingredientes imaginários que circulam nesses espaços – pelo menos naquilo que podemos denominar de imaginário coletivo - sobre a África estão contaminados por expressões negativas. Sendo assim, seria de fundamental relevância perceber como os livros didáticos de História utilizados no Ensino Fundamental brasileiro – 5^a a 8^a séries – e no 3º Ciclo do Ensino Básico português – 6º ao 9º anos – tratam a História da África. No caso específico do presente artigo, a intenção é abordar os manuais escolares que enfocam a história da África Antiga, desde o processo de humanização à formação das primeiras civilizações e Estados do continente. Consideramos a temática de grande importância para o processo de construção de novas leituras acerca do continente africano e de suas populações.

Ao mesmo tempo parece ser inquestionável - apesar de sua condição passível de críticas e geradora de muitas reflexões – o relevante papel desempenhado pelos textos de História como instrumento auxiliar da atividade docente e como uma das fontes de leitura para os alunos. Sendo assim, as abordagens acerca dos estudos africanos, presentes ou ausentes nas coleções de História utilizadas para os últimos quatro anos do Ensino Fundamental brasileiro e os últimos quatro anos do Ensino Básico português, aparecem como ingredientes chaves na composição, transformação e manutenção das referências e imagens que o público escolar constrói sobre o continente. Partindo desses elementos iremos joradear por alguns livros escolares brasileiros e portugueses que abordaram o tema.

A África Antiga nos manuais brasileiros

Alguns dos historiadores que se debruçaram acerca das questões relacionadas ao ensino da história africana nas escolas brasileiras destacaram a necessidade de que professores e livros didáticos abordassem nas salas de aulas alguns temas de grande relevância para a construção de olhares mais equilibrados sobre a história de suas sociedades. No caso

específico do recorte cronológico-temático agora tratado, identificamos três assuntos abordados de forma coincidente por alguns desses especialistas: a origem da humanidade no continente africano; o debate sobre as teses da “anterioridade africana”; e, as características e trajetórias de alguns Estados ou Civilizações Antigas.²

De fato, esses temas, se apresentam como alguns dos mais coerentes e acertados recortes de trabalho com o segmento escolar selecionado. Principalmente pelo argumento de que, para além de permitir a desconstrução das antigas teorias e postulados racistas que, com novas roupagens, ainda circulam nos dias de hoje, elas restituem aos africanos a participação efetiva na trajetória histórica da humanidade e importam para o espaço escolar um debate que teve grande importância em meio à historiografia africanista.

A apresentação das teorias e estudos que defendam a localização da origem do *homo sapiens sapiens* no continente africano, e sua migração posterior para outras partes do globo, é um importante reforço para a abordagem das teses anti-racistas que podem e devem ser trabalhadas nas aulas de história. Para o historiador Elikia M'Bokolo “estamos hoje autorizados a dizer (...) que a questão da *anterioridade africana* se impõe no próprio imo dos *processus de hominização*”, sendo certo que o *homo sapiens* anatomicamente moderno teria surgido na África. Pelo menos é o que nos permite afirmar o atual estágio das investigações paleoantropológicas.³

De acordo com o historiador Carlos Wedderburn, idéia também destacada por outros historiadores como Cheick Anta Diop⁴ e Elikia M'Bokolo⁵, a anterioridade das civilizações africanas, assim como a preocupação com as múltiplas leituras acerca da formação do Egito a partir de um “fundo negro” de ocupação humana, seriam temas constantemente ignorados ou negados no estudo da história.⁶ Ou seja, a idéia defendida é a de que, se os livros didáticos abordassem acertadamente esses temas estariam contribuindo, de alguma forma, para a redefinição do papel e do lugar associados à África nas referências mentais de professores, estudantes e demais leitores de seus textos. Realizada essa breve defesa de argumentos vejamos como em sete livros eleitos a África Antiga é tratada ou simplesmente esquecida.

Tabela 1. Lista dos livros didáticos analisados no Brasil.

Lista dos livros analisados
1. BONIFAZI, Elio e DELAMONICA, Umberto. <i>Descobrindo a História: Idade Antiga e Medieval</i> , 7. São Paulo: Ática, 2002.
2. CAMPOS, Flavio de; AGUILAR, Lidia; CLARO, Regina e MIRANDA, Renan Garcia. <i>O jogo da História: de Corpo na América e de Alma na África</i> . São Paulo: Moderna, 2002.
3. MACEDO, José Rivair e OLIVEIRA, Mariley W. <i>Uma história em construção</i> , vol. 3. São Paulo: Editora do Brasil, 1999.
4. MONTELLATO, Andrea, CABRINI, Conceição e CATELLI, Roberto. <i>História Temática: Tempos e Culturas</i> , 5 ^a série. São Paulo: Scipione, 2000.
5. PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. <i>História e Vida Integrada</i> , 5 ^a série. São Paulo: Ática, 2002.
6. SCHMIDT, Mario. <i>Nova História Crítica</i> , 5 ^a série. São Paulo: Nova Geração, 2002.
7. SCHMIDT, Mario. <i>Nova História Crítica</i> , 6 ^a série. São Paulo: Nova Geração, 2002

A África como berço da humanidade

Dos sete livros aqui observados, cinco, apontaram explicitamente para a relação direta que o continente africano possui com as origens da humanidade, ou, pelo menos, com os primeiros exemplares dos hominídeos. Porém, apenas dois deles (29%), sinalizaram para as teorias que, além de associarem a África ao berço da humanidade, deixam claro que também foi em suas terras que o *homo sapiens anatomicamente moderno* encontrou suas origens.⁷

Origens da Humanidade no continente africano

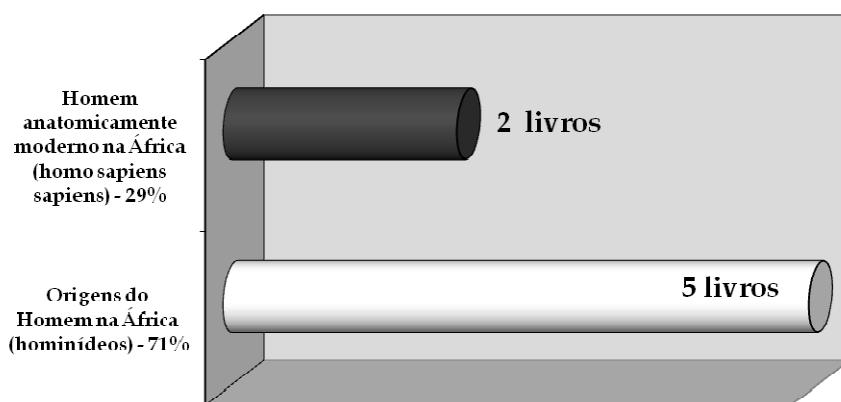


Gráfico 1

Por exemplo, o autor Mario Schmidt, responsável pela elaboração do livro intitulado *Nova História Crítica, 5^a série*, assim apresentou o tema aos seus leitores, concedendo destaque para os dois tópicos:

Todos nós somos descendentes dos australopitecos. Os machos e fêmeas australopitecos da África foram os Adãos e Evas que geraram a humanidade atual. (...) O Homo sapiens surgiu na África há mais ou menos 200 mil anos. Da África, os indivíduos da espécie Homo sapiens começaram a se espalhar pelo mundo chegando até a América.⁸

No volume destinado à 7^a série da coleção intitulada *Descobrindo a História, (Idade Antiga e Medieval)*, os autores Elio Bonifazi e Umberto Dellamonica, também destacam essas duas perspectivas, situando a África como berço da humanidade e como palco do desenvolvimento do homem anatomicamente moderno.

Assim, juntando as peças, os arqueólogos acreditam que nossos primeiros ancestrais surgiram na África, há pelo menos 4,2 milhões de anos, e foram se espalhando pelo continente (...). O Homo sapiens moderno (do latim, homem sábio), espécie à qual pertencemos, surgiu na África entre 150 mil e 100 mil anos atrás.⁹

Nos outros livros, como no de Nelson Piletti e Claudino Piletti, *História e Vida Integrada, 5^a série*, ou no de Andréa Montellato, Conceição Cabrini e Roberto Catelli, *História Temática, Tempos e Culturas, 5^a série*, vamos encontrar referências diretas sobre a questão, mas nenhum comentário explícito que relate o continente com a origem dos primeiros indivíduos da espécie *Homo sapiens*.¹⁰

As teses da “anterioridade africana”

Já sobre o debate acerca da “anterioridade africana” no campo das civilizações, percebemos, por parte dos autores, uma postura de discordância teórica em relação à tese defendida por um significativo grupo de historiadores africanistas de que “a civilização” não seria um empréstimo externo a África.¹¹ Apenas um, dos dez livros, fez referência explícita à questão.

Abordagens sobre as Civilizações Antigas na África e as teses da "anterioridade africana"



Gráfico 2

O exemplo identificado é o do livro de Mário Schmidt, integrante da coleção *Nova História Crítica* (5^a série), que sinaliza, ainda que de forma superficial e indireta, para algum tipo de ascendência ou contribuição formadora das civilizações africanas, ou para ser mais claro, do Egito sobre outros conjuntos civilizatórios.

Além do Egito, na Antigüidade também houve outras civilizações extraordinárias. Apesar disso, o Egito teve algo especial. Em primeiro lugar, porque a existência do Egito é uma bofetada nos racistas, que ignoram que povos não-brancos criaram uma grande cultura. Em segundo lugar, porque muitas coisas que serviram de base para erguer a famosa civilização ocidental tiveram seu nascimento exatamente no Egito antigo.¹²

Nos outros textos a idéia trabalhada era a de que o pólo gerador das primeiras civilizações associava-se ao “Crescente Fértil”, em uma perspectiva mais mediterrâника e relacionada ao Oriente Próximo. Ou seja, mesmo que a região nordeste do continente africano seja alocada como parte integrante do Crescente Fértil, a informação que prevalece é a apresentação do Egito com parte integrante dessa área maior e não da África.

Chama-se Crescente Fértil a região que engloba parte do Oriente Médio e o nordeste da África. A região recebeu esse nome devido ao seu traçado, que lembra o da Lua na fase quarto crescente, e porque possuía áreas bastante férteis, banhadas por rios como o Nilo, o Tigre e o Eufrates.¹³

Sobre a abordagem ou a simples citação da existência de outras importantes civilizações antigas africanas, como Kush, Núbia, Axúm, e Meroé¹⁴, identificamos iniciativas apenas em três¹⁵ dos sete manuais observados (43% do total). No entanto, apenas dois deles

concederam atenção um pouco mais estendida acerca do tratamento de algumas dessas sociedades, como no caso da Núbia: o de Mario Schmidt, *Nova História Crítica, 6ª série*¹⁶; e o texto de múltipla autoria intitulado, *O Jogo da História, 6ª série*¹⁷.

O Egito Africano

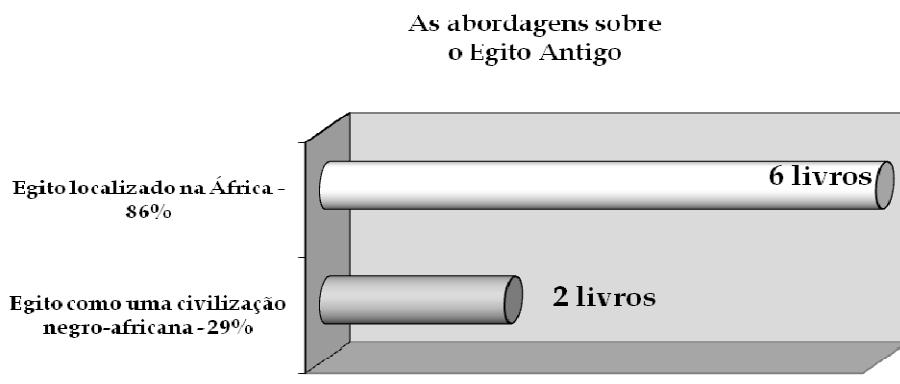


Gráfico 3

No que concerne à abordagem do Egito Antigo, tanto nas referências das teorias do chamado “fundo negro”, ou seja, da presença das populações negro-africanas na construção da mais conhecida civilização do Nilo, como na sua localização no continente africano, encontramos um quadro divergente. Em relação a este tópico, e apesar do intenso debate visualizado na historiografia africanista acerca do tema¹⁸, somente dois dos sete livros, ambos da mesma coleção, *Nova História Crítica, 5ª e 6ª séries*¹⁹, citavam direta e explicitamente essa perspectiva, mesmo sem conceder aos estudantes a amplitude de versões e divergências entre os teóricos das correntes de historiadores²⁰ que se dedicaram a pensar a questão²¹. No livro dedicado a 5ª série isso fica explícito no seguinte trecho.

(...) os antigos egípcios eram africanos! Isso mesmo, eles nada tinham do tipo físico europeu. A extraordinária civilização egípcia, tão admirada no passado e nos tempos atuais, foi construída pela inteligência, criatividade e trabalho duro de milhões de pessoas de pele escura.²²

Já sobre a localização do Egito no continente africano, 86% dos livros observados (seis dos sete) faziam referências diretas a tal aspecto. A princípio, o tema parece ser redundante, ou se recobrir de obviedade. Mas não podemos esquecer que a associação do Egito ao “Crescente Fértil”, tornou-se, muitas vezes, um elemento de maior ressonância do que a visualização do Egito na África. Portanto, a citação explícita e direta da localização geográfica da civilização egípcia no continente africano se reveste de grande importância. Tal

iniciativa, se trabalhada de forma mais esclarecedora por professores e estudantes, poderia despertar um interesse maior acerca da temática e a formulação de questionamentos que os aproximasse dos debates anteriormente apresentados.

A África Antiga nos manuais portugueses

Se no Brasil encontramos um conjunto de manuais que se caracteriza por um tratamento muitas vezes inadequado dos assuntos, apesar conceder ao estudo da história africana espaços específicos de abordagem, no caso português, temos um quadro ainda mais silencioso. Dos vários manuais portugueses compulsados pela pesquisa, a grande maioria traz apenas informações superficiais sobre o assunto, em subtítulos e tópicos no interior de determinados capítulos. Apesar disso, em alguns livros, percebemos o esforço dos autores em abordar, com um pouco mais de atenção e correção, a história daquele continente, contrariando a tendência seguida pela maior parte das editoras e autores²³. Os manuais escolares analisados em Portugal foram os seguintes:

Tabela 2. Lista dos manuais escolares analisados em Portugal.

Lista dos manuais escolares analisados
1. AZEVEDO, Ana Maria. <i>Nova História Viva</i> , 7. Lisboa: Plátano Editora, 1990.
2. DINIZ, Maria Emília; TAVARES, Adérito e CALDEIRA, Arlindo M. <i>História</i> , 7. Lisboa: O Livro, DL, 1997.
3. DINIZ, Maria Emília; TAVARES, Adérito e CALDEIRA, Arlindo M. <i>História</i> , 7. Lisboa: Editorial O Livro, 2002.
4. NEVES, Pedro Almiro. <i>À descoberta da História</i> , 7. Porto: Porto Editora, 1991.
5. OLIVEIRA, Ana Rodrigues; CANTANHEDE, Francisco, e MENDONÇA, Maria Olávia. <i>História</i> , 7. Cacém: Texto Editora, 2002.
6. REBELO, Carlos e LOPES, António. <i>História</i> , 7. Lisboa: Didáctica Editora, 2002.

Em determinados aspectos encontramos problemas parecidos com os enfrentados pelos livros brasileiros. Em outros, como a permanência do olhar colonialista em relação à África e a utilização ainda mais recorrente e explícita de categorias históricas que desqualificam as sociedades africanas, os leitores são conduzidos à formulação de entendimentos pouco adequados à compreensão dos processos históricos daquele continente.

Para a observação dos textos escolares portugueses utilizaremos a mesma estratégia de análise empregada para os manuais brasileiros

Um dos princípios legais norteadores do ensino português centra-se na necessidade de formar cidadãos que saibam respeitar e conviver com a diferença e com a diversidade, agindo como indivíduos combativos às práticas discriminatórias e preconceituosas.²⁴ Se, de fato, estes são ingredientes sinalizadores dos caminhos a serem seguidos no ensino da História, parece existir uma forte contradição entre os objetivos formadores e o desenvolvimento de conteúdos apresentados pelo sistema educacional português.

Acreditamos que o combate ao preconceito e às práticas discriminatórias, no Ocidente e na sociedade portuguesa, e mais especificamente quando tratamos do caso africano, deva passar pela desconstrução do racismo entendido como um princípio científico e como elemento integrante do imaginário e do cotidiano de suas sociedades. Dessa forma, abordar nas salas de aula as teses sobre a “anterioridade africana” – a África percebida como berço formador da humanidade, seja por ser o local do aparecimento do homem anatomicamente moderno, seja por abrigar algumas de suas primeiras civilizações – poderia ser um instrumento importante para a obtenção dos objetivos propostos. Porém, a realidade percepção não é bem essa.

Identificamos também que, segundo os Programas Escolares de História, os conteúdos do 7º ano de escolaridade deveriam abordar de forma não obrigatória ao processo de *hominização* ou do aparecimento da humanidade. Ao mesmo tempo, o estudo detalhado das civilizações antigas (“dos grandes rios”) – Suméria, Egito, Vale do Indo e Rio Amarelo - ficaria a cargo da escolha do docente ou do autor do manual escolar, responsáveis por selecionar apenas uma delas para tratamento mais específico.²⁵ Tal indicação é exemplificada pelo seguinte trecho do livro de Ana Rodrigues Oliveira, Francisco Cantanhede, Isabel Catarino e Maria Olávia Mendonça:

*As mais antigas civilizações (sociedades com um determinado grau de organização e progresso material, cujo centro de desenvolvimento político, social e religioso era a cidade) foram: a civilização suméria, a civilização egípcia, a civilização do Vale do Indo e a civilização da China Antiga. Destas civilizações, irás estudar a egípcia.*²⁶

A África como berço da humanidade e o estudo das civilizações antigas

Surgimento da Humanidade (relação livro x temática)

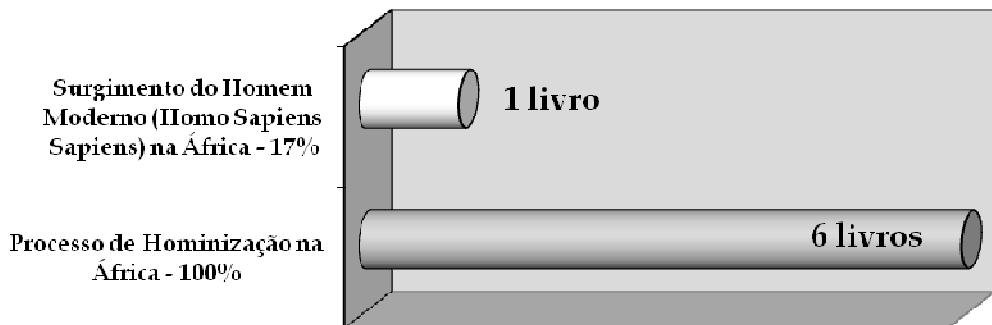


Gráfico 4

Em relação ao primeiro tópico, o quadro encontrado nos manuais indica a existência de uma situação pouco sugestiva para se trabalhar com a perspectiva da anterioridade africana, apesar de identificarmos algumas positivas abordagens. No que concerne ao processo de *hominização*, tendo como pano de fundo o continente africano, vamos perceber que todos os seis manuais eleitos para análise tecem referências ao assunto, lembrando aos sues leitores o posto de “berço da humanidade”, reservado à África. Tal citação, por exemplo, é explícita no texto de Maria Emilia Diniz, Adérito Tavares e Arlindo Caldeira, *História 7*.

*A África foi o berço da humanidade. Foi neste continente que apareceram os primeiros homens, depois de uma longa evolução. Os antepassados directos do homem eram primatas, (...), que habitavam nas árvores das florestas tropicais da África oriental. (...) Foram estes os primeiros hominídeos. Iniciou-se com eles o processo de **hominização**, isto é, a evolução que havia de conduzir ao homem actual.²⁷*

Já em outros manuais, como no de Carlos Rebelo e Antonio Lopes, a tese sobre o aparecimento dos primeiros hominídeos também é apresentada, mas com uma ênfase menor. Segundo os autores “de acordo com os conhecimentos actuais, calcula-se que os nossos mais remotos antepassados tenham surgido no continente africano há pouco mais de 4 milhões de anos”.²⁸

Outro dado que chamou a atenção foi o fato de que, a grande maioria dos textos não procura estabelecer uma relação direta entre o aparecimento do *homem anatomicamente moderno* e a África, remetendo suas origens para fora do continente. Por exemplo, o livro de

Ana Rodrigues Oliveira, Francisco Cantanhede, Isabel Catarino e Maria Olávia Mendonça, a partir do uso de um mapa que apresenta a seqüência cronológica do aparecimento das espécies de hominídeos e suas migrações pelo globo, divulga a idéia de que os primeiros exemplares do *homo sapiens* são localizados na África, já os primeiros exemplares dos *homo sapiens sapiens* na Europa.²⁹

Nos outros livros, após a menção de que os primeiros hominídeos surgiram na África, não identificamos nenhuma outra referência significativa ao processo diferenciativo que levou ao surgimento do *homo sapiens sapiens*. Tais posturas, intencionais ou não, podem levar aos estudantes a relacionarem apenas os primeiros ancestrais humanos ao continente africano, sendo que as origens do homem anatomicamente moderno são associadas aos outros continentes, principalmente a Europa.

O único texto que faz referência direta ao aparecimento do *homo sapiens sapiens* no continente africano é o de Maria Emília Diniz, Adérito Tavares e Arlindo Caldeira, publicado em 2002. Neste caso, os autores demonstram grande afinidade com os recentes estudos da paleoantropologia, apresentando os primeiros grupos do homem moderno na África.

Por volta dos 200 mil anos, já viviam na África e na Eurásia novas espécies, a que foi dado o nome de Homo sapiens (homem inteligente), porque tinham um cérebro maior e souberam desenvolver técnicas mais avançadas. Mas foi só cerca dos 120 mil anos que a evolução biológica do homem atingiu a sua última fase, quando apareceu, em África, o homem moderno, fisicamente idêntico ao homem actual. Este homem moderno era já plenamente inteligente, por isso se lhe chama Homo sapiens sapiens.³⁰

Os estudos sobre o Egito Antigo e a “anterioridade africana”

Sobre o tratamento concedido ao Egito Antigo identificamos uma situação bastante homogênea de referências. Dos seis livros observados, apenas um cita explicitamente, no texto apresentado aos leitores, o fato de que, aquela antiga civilização do Nilo, pertencia ao continente africano. Os outros manuais, mesmo que veiculando mapas, nos quais, o Egito é representado no nordeste africano, não fazem conexão direta entre a África e essa civilização. Nesses casos, a “grande civilização do Nilo”, aparece relacionada ao Crescente Fértil e não aos espaços africanos. Inclusive, em muitas dessas representações cartográficas, o continente é visualizado apenas parcialmente ou no seu quadrante superior esquerdo.³¹

O Egito Antigo e as teses da "Anterioridade Africana"

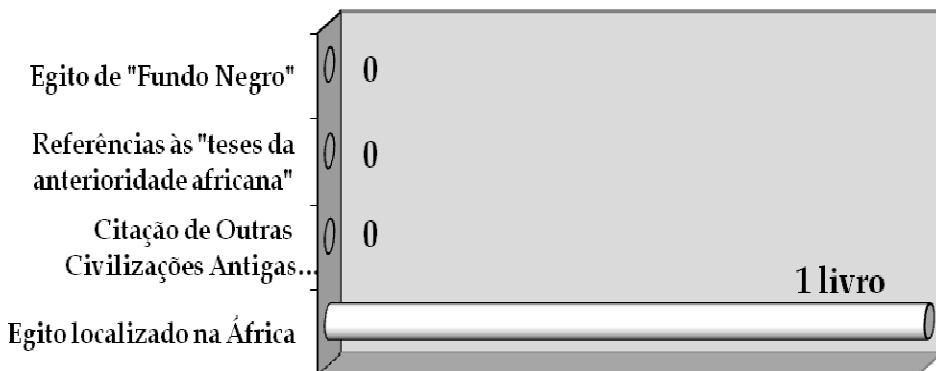


Gráfico 5

No único manual onde o Egito Antigo é citado como integrante do continente africano a referência é feita apenas no sentido da localização geográfica, mas não civilizacional. É o caso do livro de Pedro Almiro Neves, *À Descoberta da História 7*, de 1991, no qual o autor afirma que o “Egipto é um território situado no nordeste africano” limitado pelo mar Mediterrâneo e os desertos da Líbia e da Arábia.³²

Não identificamos nenhuma referência às teses da formação do Egito Antigo a partir de um fundo populacional negro-africano. E, por fim, também não localizamos a citação de nenhuma das outras civilizações que se desenvolveram na África na Antigüidade como Kush, Axum e Meroé ou as teses da “anterioridade africana”. Esse silêncio, associado ao deslocamento do Egito para o Crescente Fértil, pode gerar, nas reflexões de estudantes e docentes, a continuidade do descrédito histórico relacionado à trajetória temporal no continente africano e a permanência do desinteresse sobre o passado da região.

O tópico que mais concentra informações associadas aos africanos foi o da descrição das características e práticas das “sociedades primitivas”, ou seja, dos ancestrais do homem moderno. Neste caso, compete esclarecer que, quase sempre, os autores dos manuais classificam os primeiros grupos humanos como primitivos pelo fato destes possuírem técnicas de produção, formas de organização social e cosmovisões consideradas “arcaicas” ou “simplórias”.



Gráfico 6

Em termos de conteúdos, os manuais enfatizam a descrição de algumas estratégias sociais – a caça ou os chamados “ritos mágicos” - que permitiram a organização e a expansão das populações e o desenvolvimento de instrumentos e tecnologias ao longo de milhares de anos.

Por exemplo, no manual de Maria Emilia Diniz, Adérito Tavares e Arlindo Caldeira, os autores afirmam que “durante centenas de milênios, os homens utilizaram instrumentos de pedra lascada” ou ainda que “os primeiros homens viviam da recolha de frutos e raízes”. No mesmo manual encontra-se a idéia de que “os principais progressos realizados pelos primeiros homens dizem respeito ao fabrico de instrumentos”.³³ No livro da mesma coleção, publicado cinco anos antes, os mesmos autores afirmam que “a maior conquista realizada (...) foi, porém, o domínio do fogo”.³⁴

Já no texto de Carlos Rebelo e António Lopes, a idéia apresentada foi a de que “durante o Paleolítico, a subsistência do Homem vai depender exclusivamente da caça, da pesca e da recolha de plantas e frutos”.³⁵ Por fim, no livro de Ana Rodrigues Oliveira, Francisco Cantanhede, Isabel Catarino e Maria Olávia Mendonça, a informação divulgada foi a de que, por serem indivíduos marcados pela extrema dependência da Natureza e de seus recursos espontâneos, os grupos humanos primitivos elaboravam simplórias expressões cosmológicas.

Como sabes, o Homem do Paleolítico estava muito dependente da Natureza para a sua subsistência. Todos os fenômenos naturais para os quais não encontrava explicação (o nascimento, a reprodução, a doença, a morte) ou que punham em perigo a recolha de alimentos e até a sua vida (as tempestades, as erupções vulcânicas, as cheias) eram por ele temidos. Para tentar dominar essas forças misteriosas e desconhecidas, o Homem primitivo praticava uma série de ritos mágicos (danças, cantares, culto aos mortos, sacrifício de animais) em que utilizava, normalmente, máscaras e se cobria de tintas ou de peles de animais.³⁶

Para ilustrar esses comportamentos e práticas, acima descritos, alguns dos manuais veiculam imagens de africanos atuais como se eles representassem ou reproduzissem em seus cotidianos, de forma idêntica, o modo de vida dos “homens primitivos”. Dos seis livros analisados, quatro realizam essa associação, ou seja, 67% deles. Das 24 imagens encontradas nesse tópico, oito (cerca de 30%) dedicavam-se justamente a apresentar africanos contemporâneos em atividades – caça, coleta de alimentos e produzindo fogo - que serviriam para ilustrar como se comportavam os homens no Paleolítico ou do período “Pré-Histórico”. Essas imagens e suas legendas são reveladoras de tal postura.

Por exemplo, no livro de Ana Rodrigues Oliveira, Francisco Cantanhede, Isabel Catarino e Maria Olávia Mendonça, são três as imagens que realizam essa associação.³⁷ Os autores do mesmo manual também informam aos leitores que “ainda hoje, o modo de vida de alguns grupos humanos continua semelhante ao dos primitivos caçadores-recoletores do Paleolítico”. Fariam parte desses grupos além dos esquimós e tribos australianas, “os pigmeus da África Equatorial e os Bosquímanos da África do Sul”.³⁸ Já no livro de Maria Emília Diniz, Adérito Tavares e Arlindo Caldeira, a idéia aparece relacionada à produção do fogo, quando uma imagem de três africanos contemporâneos é apresentada com a seguinte legenda: “alguns povos, como estes habitantes do interior da África, utilizam ainda hoje processos primitivos para produzir o fogo”.³⁹

A apresentação de infográficos sobre as práticas cotidianas dos grupos humanos no Paleolítico e da própria evolução das espécies de hominídeos ocorre sem qualquer vestígio ou referência aos homens de pele negra. Praticamente todas as figuras observadas representavam os antepassados humanos como indivíduos brancos.⁴⁰ As únicas exceções se encontram no livro de Maria Emilia Diniz, Adérito Tavares e Arlindo Caldeira, que reproduz imagens acerca dos *Homo habilis* e dos *Homo sapiens*, de cor negra, mas não do *Homo sapiens sapiens*.⁴¹

Considerações Finais

O exercício aqui estabelecido nos indica muito mais o caminho das reflexões do que das conclusões. Primeiro, pelo fato de que os espaços envolvidos e os objetos observados terem sido de múltiplas origens e densidades. Segundo, pelo incômodo de sintetizar em poucas palavras as leituras e apontamentos realizados.

Os manuais escolares portugueses, apesar das iniciativas em contrário, sofrem de uma falta de interesse congênito, quando a perspectiva é tratar a história da África e dos africanos, inclusive daqueles que freqüentam seus bancos escolares. Nossas leituras acerca do espaço reservado aos estudos africanos e das representações sobre suas sociedades nesses textos sinalizam para a continuidade de grande parte das cenas que compõem o imaginário português sobre o assunto.

Cruzando o Atlântico, encontramos um quadro naturalmente distinto no Brasil. Não por visualizarmos, por aqui, uma realidade oposta à lusitana. É que os ritmos das relações históricas estabelecidas com o mundo atlântico foram outros. Apesar disso, ou talvez, também por isso, nos últimos anos podemos observar sinais de mudanças, em meio aos contínuos movimentos escolares, no que se refere ao tratamento da história africana. Porém, são apenas sinais. Se quisermos ser otimistas, podemos dizer que eles possam vir a constituir uma tendência, observada, por exemplo, pelo interesse circulante sobre a temática a partir da publicação da lei 10639/03 e da inclusão de capítulos sobre a história africana em alguns livros didáticos. Porém, para que isso ocorra, pelo menos nos casos dos textos escolares, será preciso que a maioria dos manuais se dedique a tratar a história da África com alguma especificidade e, principalmente, adequação.

Enfim, nesses espaços atlânticos o estranhamento ao observar o Outro/Africano, ainda mais o negro-africano, e seus conjuntos físicos naturais, parece persistir, com intensidades e ritmos distintos.

NOTAS

1 Sobre o tema consultar os seguintes textos: MARTINS, Manuel Gonçalves. Migrações internacionais e aumento do racismo e da xenofobia na União Européia. In *Africana*, nº 16, março, 1996, pp. 75-90 e Imigrações, racismo e xenofobia em Portugal (1974-2002). In *Africana*, nº 25, 2002, pp. 71-90; PIRES, Rui Pena. A Imigração. In BETHENCOURT, Francisco e CHAUDHURI, Kirti (org.). *História da Expansão Portuguesa: Último Império e Recentramento*, vol. 5. Lisboa: Círculo de Leitores, 1999, pp. 197-211.

-
- 2 Ver os seguintes trabalhos: PANTOJA, Selma. A África imaginada e a África real. In PANTOJA, Selma e ROCHA, Maria José (orgs.). *Rompendo Silêncios: História da África nos currículos da educação básica*. Brasília: DP Comunicações, 2004, p. 22; WEDDERBURN, Carlos Moore. Novas bases para o Ensino da História da África no Brasil. In: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE. *Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal 10.639/03*. Brasília: MEC; Secad, 2005, pp. 134-142; e LIMA, Mônica. A África na Sala de Aula. *Nossa Historia*, ano 1, nº 4, fevereiro de 2004, p. 86.
- 3 M' BOKOLO, Elikia. *África Negra História e Civilizações. Até ao Século XVIII*. Lisboa: Vulgata, 2003, pp. 208-28.
- 4 DIOP, Cheick Anta. A origem dos antigos egípcios. In: MOKHTAR, G. (org.) *História Geral da África*, vol. II: A África Antiga. São Paulo: Ática; Unesco, 1983, pp. 39-70.
- 5 M' BOKOLO, Elikia. *África Negra História e Civilizações. Até ao Século XVIII*, op. cit., p. 20; 45-75.
- 6 WEDDERBURN, Carlos Moore. Novas bases para o Ensino da História da África no Brasil, op. cit., pp. 138-139.
- 7 M' BOKOLO, Elikia. *África Negra História e Civilizações. Até ao Século XVIII*, op. cit., p. 20-28.
- 8 SCHMIDT, Mario. *Nova História Crítica*, 5ª série. São Paulo: Nova Geração, 2002, p. 42 e 45.
- 9 BONIFAZI, Elio; DELAMONICA, Umberto. *Descobrindo a História: Idade Antiga e Medieval*, 7ª. São Paulo: Ática, 2002, p. 14 e 17.
- 10 Ver PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. *História e Vida Integrada*, 5ª série. São Paulo: Ática, 2002, p. 18-20; MONTELLATO, Andrea; CABRINI, Conceição; CATELLI, Roberto. *História Temática: Tempos e Culturas*, 5ª série. São Paulo: Scipione, 2000, pp. 84-89.
- 11 Ver os seguintes trabalhos: DIOP, Cheick Anta. *Antériorité des civilisations nègres mythe ou vérité historique?* Paris: Présence Africaine, 1967; e, M' BOKOLO, Elikia. *África Negra História e Civilizações. Até ao Século XVIII*, op. cit., p. 49-53.
- 12 SCHMIDT, Mario. *Nova História Crítica*, 5ª série, op. cit., p. 99.
- 13 BONIFAZI, Elio; DELAMONICA, Umberto. *Descobrindo a História: Idade Antiga e Medieval*, 7ª, op. cit., p. 28.
- 14 Ver MOKHTAR, G. (org.) *História Geral da África*, vol. II: A África Antiga. São Paulo: Ática; Unesco, 1983; e M' BOKOLO, Elikia. *África Negra História e Civilizações. Até ao Século XVIII*, op. cit., p. 76-122.
- 15 Ver os seguintes livros: SCHMIDT, Mario. *Nova História Crítica*, 6ª série. São Paulo: Nova Geração, 2002; CAMPOS, Flávio de; AGUILAR, Lidia; CLARO, Regina e MIRANDA, Renan Garcia. *O jogo da História: de Corpo na América e de Alma na África*. São Paulo: Moderna, 2002; e MACEDO, José Rivair e OLIVEIRA, Mariley W. *Uma história em construção*, vol. 3. São Paulo: Editora do Brasil, 1999.
- 16 SCHMIDT, Mario. *Nova História Crítica*, 6ª série, op. cit., p. 177-178.
- 17 CAMPOS, Flávio de; AGUILAR, Lidia; CLARO, Regina e MIRANDA, Renan Garcia. *O jogo da História: de Corpo na América e de Alma na África*, op. cit., p. 60-63.
- 18 Acerca da questão, ver o esclarecedor aporte explicativo que o historiador Elikia M'Bokolo realizou sobre a questão: "Há já cerca de duzentos anos que a questão das relações entre o Egito faraônico e a África negra se tornou um dos problemas mais tratados na historiografia africana e um dos pontos de fixação privilegiados pela memória negro-africana. Mas contrariamente às idéias difundidas na opinião corrente, este debate é muito mais complicado do que pode parecer a princípio", In: M' BOKOLO, Elikia. *África Negra História e Civilizações. Até ao Século XVIII*, op. cit., p. 53.
- 19 Ver SCHMIDT, Mario. *Nova História Crítica*, 6ª série, op. cit., p. 177.
- 20 Sobre o tema ver, DIOP, Cheick Anta. A origem dos antigos egípcios. In: MOKHTAR, G. (org.) *História Geral da África*, vol. II: A África Antiga. São Paulo: Ática; Unesco, 1983, pp. 39-70; e DIOP, Cheick Anta. *Antériorité des civilisations nègres mythe ou vérité historique?* Paris: Présence Africaine, 1967.
- 21 Apesar dessa positiva ênfase em destacar para os alunos a "africanidade" de grandes conjuntos civilizatórios da humanidade, tal iniciativa, às vezes, se recobre de um aprofundamento insuficiente de temas controversos e fecundos, como a tese do antigo Egito faraônico de ascendência negra. Como já afirmamos, é importante esse tipo de debate. Mérito, portanto, para o autor, por ter destacado tal teoria. Mas, em contrapartida, ele não polemiza a questão. Seria fundamental apresentar aos alunos as várias posturas intelectuais e os argumentos favoráveis e contrários a essa perspectiva, algo que não ocorre.
- 22 Ver SCHMIDT, Mario. *Nova História Crítica*, 5ª série, op. cit., p. 89.

-
- 23 De acordo com os Programas do Ensino Básico português é de competência do 8º ano do Ensino Básico o tratamento da História da África. Porém, no texto oficial evidencia-se uma perspectiva centrada na História dos portugueses na África, recomendando-se que sejam apenas identificadas “de forma elementar as principais civilizações da África”. Ver: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Programa de História. Ensino Básico, 3º Ciclo (Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem, vol. II). Ensino Básico. Ministério da Educação: Direcção Geral dos Ensinos Básico e Secundário, 1999, p. 41.
- 24 Ver: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Programa de História. Ensino Básico, 3º Ciclo (Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem, vol. II), op. cit., p. 13-14; 39-40; 61-62.
- 25 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Programa de História. Ensino Básico, 3º Ciclo (Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem, vol. II), op. cit., p. 18.
- 26 OLIVEIRA, Ana Rodrigues; CANTANHEDE, Francisco, e MENDONÇA, Maria Olávia. História, 7. Cacém: Texto Editora, 2002, p. 34.
- 27 DINIZ, Maria Emília; TAVARES, Adérito e CALDEIRA, Arlindo M. História, 7. Lisboa: Editorial O Livro, 2002, p. 12.
- 28 REBELO, Carlos; LOPES, António. História, 7. Lisboa: Didáctica Editora, 2002, p. 16.
- 29 OLIVEIRA, Ana Rodrigues; CANTANHEDE, Francisco, e MENDONÇA, Maria Olávia. História, 7, op. cit., p. 17.
- 30 DINIZ, Maria Emília; TAVARES, Adérito e CALDEIRA, Arlindo M. História, 7. Lisboa: Editorial O Livro, 2002, p. 16.
- 31 Ver DINIZ, Maria Emília; TAVARES, Adérito e CALDEIRA, Arlindo M. História, 7. Lisboa: O Livro, DL, 1997, p. 51 e DINIZ, Maria Emília; TAVARES, Adérito e CALDEIRA, Arlindo M. História, 7. Lisboa: Editorial O Livro, 2002, p. 28 e 30; OLIVEIRA, Ana Rodrigues; CANTANHEDE, Francisco, e MENDONÇA, Maria Olávia. História, 7, op. cit., p. 32 e 35; AZEVEDO, Ana Maria. Nova História Viva, 7. Lisboa: Plátano Editora, 1990, p. 87; e REBELO, Carlos; LOPES, António. História, 7, op. cit., p.49.
- 32 NEVES, Pedro Almíro. À descoberta da História, 7. Porto: Porto Editora, 1991, p. 84.
- 33 DINIZ, Maria Emília; TAVARES, Adérito e CALDEIRA, Arlindo M. História, 7. Lisboa: Editorial O Livro, 2002, p. 14.
- 34 DINIZ, Maria Emília; TAVARES, Adérito e CALDEIRA, Arlindo M. História, 7. Lisboa: O Livro, DL, 1997, p. 16.
- 35 REBELO, Carlos; LOPES, António. História, 7, op. cit., p. 18.
- 36 OLIVEIRA, Ana Rodrigues; CANTANHEDE, Francisco, e MENDONÇA, Maria Olávia. História, 7, op. cit., p. 18.
- 37 OLIVEIRA, Ana Rodrigues; CANTANHEDE, Francisco, e MENDONÇA, Maria Olávia. História, 7, op. cit., p. 14 e 21.
- 38 OLIVEIRA, Ana Rodrigues; CANTANHEDE, Francisco, e MENDONÇA, Maria Olávia. História, 7, op. cit., p. 14.
- 39 DINIZ, Maria Emília; TAVARES, Adérito e CALDEIRA, Arlindo M. História, 7. Lisboa: Editorial O Livro, 2002, p. 15.
- 40 Ver: REBELO, Carlos; LOPES, António. História, 7, op. cit., p. 19; DINIZ, Maria Emília; TAVARES, Adérito e CALDEIRA, Arlindo M. História, 7. Lisboa: O Livro, DL, 1997, p. 10 e 11; OLIVEIRA, Ana Rodrigues; CANTANHEDE, Francisco, e MENDONÇA, Maria Olávia. História, 7, op. cit., p. 15.
- 41 DINIZ, Maria Emília; TAVARES, Adérito e CALDEIRA, Arlindo M. História, 7. Lisboa: O Livro, DL, 1997, p. 15 e 19.

* Artigo recebido em agosto de 2008. Aprovado em outubro de 2008.